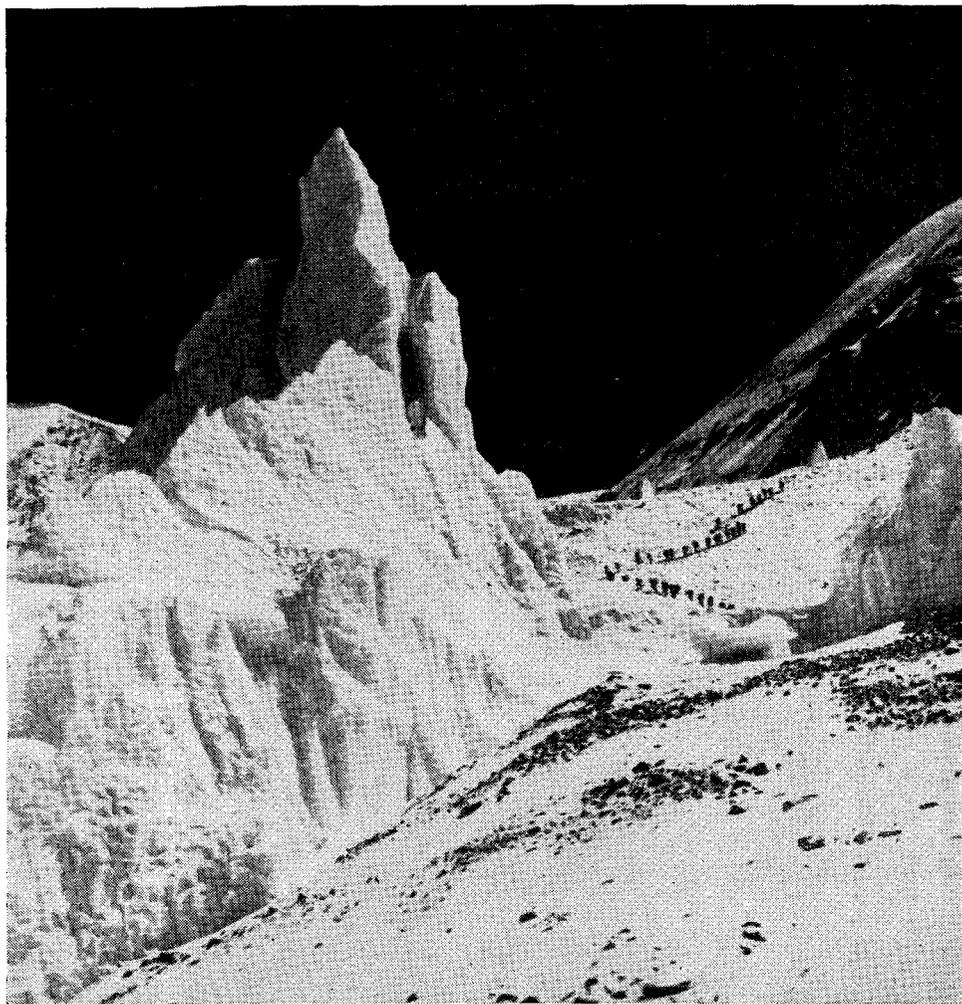


Desvendados os mistérios do Jolmo Lungma

LU HSIN-CHU

O formidável Jolmo Lungma, o mais alto pico do mundo, conquistado no dia 24 de maio dêste ano por três jovens alpinistas chineses, oferece ao cientista, riquíssimo campo de estudo. Segundo documentos antigos, há mais de 1 000 anos já os tibetanos haviam chegado ao sopé da montanha. Nas centenas de anos a seguir, os chineses acumularam vastos conhecimentos acêrca dessa região. Entretanto, só recentemente foi feito o primeiro levantamento completo, quando cientistas a investigaram do ponto de vista geológico, topográfico, hidrológico, meteorológico e de vida animal e vegetal. A região do Jolmo Lungma, antes considerada como um ponto em branco na geografia, está assim começando a desvendar seus mistérios.

Fig. 1 — A região de "Seraes" do Jolmo Lungma a 5 800 metros acima do nível do mar.



Origens do mais alto pico do mundo

O "pináculo" da Terra, como é por vêzes chamado popularmente o Jolmo Lungma, foi formado pelo "mais novo" de todos os entumescimentos da crosta terrestre. Segundo pesquisas geopaleontológicas, a área do Jolmo Lungma, como, aliás, tôda a cadeia do Himalaia, era, há 200 milhões de anos, um grande mar — a porção oriental do mar Paleo-Mediterrâneo. Há várias dezenas de milhões de anos, no período terciário, o soerguimento da crosta terrestre provocou um enrugamento, do qual emergiram os Himalaias, com o Jolmo Lungma no pico da cadeia.

O pico do Jolmo Lungma ainda está em elevação. Segundo pesquisas geológicas, tôda a área do Himalaia elevou-se de 1300 a 1500 metros a partir da Idade Quaternária Glacial, há cerca de um milhão de anos, e continua a elevar-se. É o que os geólogos denominam de movimento neotectônico. Eventualmente, o Jolmo Lungma alcançará uma altitude muito superior a 8 882 metros acima do nível do mar. Encontram-se indícios visíveis do violento entumescimento nos leitos dos rios da região; terremotos, fissuras na superfície da Terra e fontes de água quente. Ainda ocorrem freqüentemente tremores de terra na área do Mosteiro do Rongbuk, nas encostas setentrionais do pico, quatro dos quais foram registrados. Um terremoto do 8.º grau ocorreu na noite do Festival Tibetano da Primavera, em 1932. Em consequência do abalo, soaram os sinos do Mosteiro de Rongbuk e afundou-se o telhado de outro velho mosteiro. Por tôda a área, o céu encheu-se de poeira e nuvens apareceram sôbre o pico.

Formação de geleiras

Geleiras que parecem feitas de jade irradiam em tôdas as direções da parte superior do monte Jolmo Lungma, sendo que a mais longa se estende por 10 quilômetros. A topografia e as grandes altitudes oferecem condições favoráveis à sua formação e proporcionam boas oportunidades de pesquisa glacial.

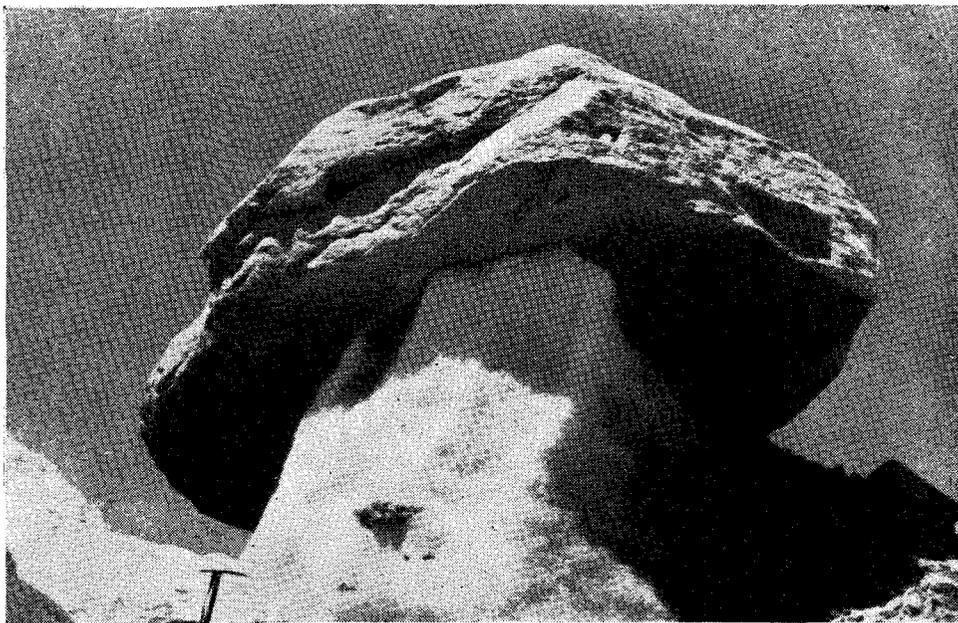


Fig. 2 — Cogumelo de gelo

Em menores altitudes, a forte radiação do sol nessas baixas latitudes e grandes alturas, juntamente com outros fatores, tornam as geleiras mais curtas e menos espessas. Essas condições inusitadas criam formações belíssimas, verdadeiramente feéricas.

De beleza incomparável são os *seracs* ou torréões de gelo (fig. 1) que parecem pagodes de cristal azul, agrupados, mais majestosos que a floresta de pilares rochosos da região panorâmica do Karst de Yunnan. Os mais altos desses torréões alcançam 20 a 40 metros, e o reflexo dos *seracs* nos lagos gelados, logo abaixo, é verdadeiramente soberbo.

Um *drumlin* ou montículo ôco foi descoberto num lago gelado, a 5 700 metros acima do nível do mar. O gelo que o cobre tem 30 centímetros de espessura e assemelha-se a um *yurt* mongólico, de dimensões capazes de conter 20 a 30 pessoas.

Outro tipo de formação são os outeirinhos de moraina de fundo. O frio intenso, os ventos fortes e outros fatores físicos provocam a formação de detritos e fragmentos de rocha, em grandes quantidades. Estes rolam montanha abaixo para as geleiras e formam os outeirinhos, que parecem ilhas sobre um rio. Na geleira de Rongbuk, um imenso bloco de granito trepado numa "haste" de fragmentos rochosos cobertos de gelo tem a aparência de um gigantesco cogumelo. Os cientistas, aliás, deram-lhe o nome de "cogumelo de gelo" (fig. 2).

Nas margens erodidas da geleira do leste do Rongbuk, encontra-se um caldeirão periglacial de 2,50 metros de altura. A neve, derretendo e escorrendo do alto da ribanceira para a geleira, forma estalactites semelhantes a uma cortina de contas de cristal. Tôdas essas formações representam apenas algumas das inúmeras vistas excepcionais no mundo de neve e gelo do Jolmo Lungma.

Vida animal

A vida é muito tenaz. Existe em tôda parte do mundo, por mais duras que sejam as condições.

Os biólogos que fizeram o estudo da vida animal no Jolmo Lungma descobriram que a mesma não é tão rara como se supõe geralmente. Existem ali



Fig. 3 — Carneiro selvagem (Bharal) encontrado no Jolmo Lungma.

inúmeras espécies de vida animal, tanto nas áreas ensolaradas quanto nas sombrias, embora a variedade seja maior nos pontos em que o sol penetra. Os animais foram bem protegidos graças às crenças religiosas dos habitantes da montanha. Entre eles, encontram-se alguns de grande valor comercial e outros raríssimos.

O *yak* (boi do Tibet) selvagem mede mais de dois metros à altura do dorso e cresce até 2,6 metros de comprimento. Seu corpo é inteiramente coberto de pêlos espessos, castanho-escuros. Alimenta-se de capim grosseiro e resiste a frio intenso, vento e neve. Vaga pelas montanhas em manadas e, no verão, é encontrado até a 5 000 ou 6 000 metros acima do nível do mar. Os *yaks*, quando domesticados, são excelentes animais de carga, graças à sua força e adaptabilidade a grandes altitudes. A carne e o leite desse animal fornecem bons alimentos; a pele, um bom couro. O pêlo e os tendões também são aproveitados.



Fig. 4 — Abutre abatido no Jolmo Lungma

O burro selvagem tibetano, na bacia do Shigatse, é um animal de grande utilidade. É visto freqüentemente galopando pelas pastagens, em manadas de 20 a 30. O *bharal* ou carneiro selvagem azul (fig. 3) e o *moupin pika* (roedor da família dos *Ochotonidae*) também são muito comuns. Numa bacia fluvial ao norte do Jolmo Lungma, os cientistas observaram uma manada de 50 a 80 carneiros selvagens (*bharal*) pastando pelas margens como ovinos domesticados. Não demonstram medo ao verem passar criaturas humanas. O *bharal* pode ser encontrado a 5 700 metros acima do nível do mar, isto é, quase na linha das neves eternas.

O “galo da neve” himalaio e o *chough* (ave do gênero *Pyrrhocorax*, da família do corvo) de bico amarelo, também são encontrados no alto das montanhas. O “galo da neve” vive às margens das geleiras onde o homem raramente alcança. O *chough* de bico amarelo está bem adaptado às altas montanhas e é visto a voar livremente a 6 000 metros, acima da linha da neve (fig. 4).

Em alguns vales, vêem-se bandos de macacos e também as raras e preciosas “pandas” menores (*Ailurus fulgens*).

Vida vegetal

A flora é muito variada. Em certas zonas, as plantas crescem luxuriantes. Os cientistas dividiram a área, segundo a vegetação, em três faixas: o deserto frio do alto platô, a área arbustiva (*frutex*) e a faixa florestal. O deserto frio do alto platô, próximo à linha da neve, estende-se de 4 500 a 5 700 metros acima do nível do mar. Existem ali apenas plantas capazes de suportar a temperatura baixíssima, a seca e os fortes ventos. O período de crescimento estende-se somente de maio a agosto. No entanto, a vida vegetal completa rapidamente seu ciclo de vida. O *Astrogalus* sp., por exemplo, começa a crescer em meados de maio e floresce em meados de junho. A altitude determina o período de crescimento e a época em que a planta começa a crescer. A *Incarvillea sinensis* sp., por exemplo, já está florescendo a 4 500 metros quando, a 4 966 metros ainda não começou a brotar da terra.

No cinturão *frutex*, entre 3 300 e 4 500 metros, as principais plantas são a *Sabina wallichiana*, o *Salix* sp. e o *Rhododendron* sp. Os habitantes das encostas setentrionais usam a *Sabina wallichiana* para lenha. O *Salix* sp. é encontrado, em sua maioria, ao longo dos rios ou nos lugares onde existe uma camada relativamente espessa de terra. O *Rhododendron* sp., em variedades brancas, vermelhas, róseas e amarelas, é mais espalhado nas franjas das pastagens e nos terraços ribeirinhos.

Nas encostas das montanhas, há florestas de pinho sempre verde, em diferentes altitudes. Nos vales fluviais abaixo de 4 100 metros, encontram-se grandes extensões de floresta virgem. Os cientistas calculam serem ricas as reservas de madeira, nessa região. Em diferentes alturas, existem florestas mistas de pinheiros e árvores decíduas, bem como florestas decíduas. O solo destas últimas é atapetado por densa vegetação rasteira.

Trad. de MARIA DE LOURDES LIMA MODIANO